

A FAMÍLIA DE ADÃO E EVA (GÊNESIS 4)

Gênesis 2:7—3:24 conta a história de Adão e Eva dentro do jardim do Éden. Eles não viveram no mundo de Deus respeitando as condições por Ele impostas e foram banidos do jardim. Gênesis 4:1–24 relata as experiências do primeiro casal fora do paraíso terreno. Eva deu à luz dois filhos: Caim e Abel. Nas vidas desses descendentes, vemos novamente o trágico fruto do pecado e suas consequências destrutivas no lar de Adão e Eva: o filho mais novo foi assassinado pelo irmão mais velho.

O escritor de Gênesis relatou também como o pecado se espalhou amplamente pela sociedade, até que um dos descendentes de Caim gabou-se de assassinar e praticamente usou esse feito como um distintivo de honra. Finalmente, no fim do capítulo (4:25, 26), o texto lança um raio de esperança. Um terceiro filho nasceu a Adão e Eva e, através dele, os homens começaram a invocar o nome do Senhor.

FORA DO JARDIM (4:1–16)

Os Nascimento de Caim e Abel (4:1, 2)

¹Coabitou o homem com Eva, sua mulher. Esta concebeu e deu à luz a Caim; então, disse: Adquiri um varão com o auxílio do SENHOR. ²Depois, deu à luz a Abel, seu irmão. Abel foi pastor de ovelhas, e Caim, lavrador.

Versículo 1. O capítulo começa afirmando que coabitou o homem com Eva, sua mulher. O texto diz literalmente que Adão “conheceu” (יָדָע, *yada'*) sua mulher (ERC). Esta palavra hebraica é um eufemismo comum em Gênesis para o ato de ter relações sexuais (4:1, 17, 25; 19:8; 24:16; 38:26). Significa simplesmente que ele a conheceu mais intimamente.

Esta concebeu e deu à luz a um filho, a quem

chamou Caim (קַיִן, *Qayin*). A raiz do nome “Caim” é obscura e provavelmente não deve ser relacionada com a raiz etimológica קָן (*qyn*), “forjar”. Em vez disso, 4:1 – usando um som semelhante num jogo de palavras – associa o termo com uma raiz diferente, קָנָה (*qanah*), que significa “possuir” ou “criar”¹.

A reação de Eva ao nascimento de Caim é traduzida por: **Adquiri um varão com o auxílio do Senhor.** A palavra hebraica “varão”, אִישׁ (*ish*), geralmente é traduzida por “homem” em versões mais modernas. Por que Eva usou esse termo, e não “filho”? Talvez ela estivesse fazendo um trocadilho baseado no fato de ter sido ela tomada de um “homem” (אִישׁ, *ish*) e depois ser chamada de “mulher” (אִשָּׁה, *ishshah*; 2:23). Agora, ela, sendo mulher (*ishshah*), dera a luz “um homem” (*ish*)². Paulo recorreu a esse relacionamento interdependente quando escreveu: “Porque, como provém a mulher do homem, assim também o homem é nascido da mulher” (1 Coríntios 11:12). A parte difícil deste versículo é a tradução de אֶת (*eth*), vertido na maioria das versões como a preposição “com”. Na ERA, “com” vem seguido da expressão “o auxílio de”, que não aparece no texto original. A paráfrase mais precisa e antiga do Pentateuco para o aramaico, o Targum de Onkelos, traz “de diante do Senhor”³, identificando o filho recém-nascido como um presente do Senhor. A LXX concorda com este entendimento do texto. Ela traz διὰ τοῦ θεοῦ (*dia tou Theou*, “através de Deus”), sugerindo que Eva recebeu o filho através da intervenção de Deus.

¹Leonard J. Coppes, “קַיִן” em *DITAT*, p. 1340.

²John E. Hartley, *Genesis*, New International Biblical Commentary. Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 2000, p. 79.

³“Targum of Onkelos” em *The Targums*, trad. J. W. Etheridge. Nova York: KTAV Publishing House, 1968, p. 42.

A versão do Targum de Onkelos sugere uma leitura do texto hebraico sutilmente diferente: מֵאֵת (me'eth). O problema básico é que o TM não contém os pontos vocálicos da preposição “com” (אִתּ, 'eth) nem a ortografia da palavra “de” (-נִי, me), e sim os pontos vocálicos do sinal do objeto direto, ou de uma palavra em aposição a um substantivo antecedente (אִתּ, 'eth). Isto significa que o texto, conforme se apresenta, diz literalmente: “Eu ganhei um homem: o Senhor”. Isto tem levado alguns estudiosos a alegar que Eva pensou que tivesse dado à luz o prometido libertador, “o Senhor”, tendo recebido “alívio imediato de seu castigo com o nascimento de Caim”⁴.

O Targum da Palestina apresenta um entendimento semelhante, em que Eva diz: “Obtive um homem, o Anjo do Senhor”⁵. Esta tradução pode refletir a ideia de que em Gênesis o anjo do Senhor é quase sinônimo do próprio Javé, falando em nome dEle e O representando (16:7–13; 21:17–20; 22:11–18; 31:11–13; 48:15, 16).

Não há certeza quanto aos massoretas, que inseriram os pontos vocálicos no texto hebraico consonantal por volta de 800 d.C., terem sido precisos ao usar o sinal do objeto direto (אִתּ, 'eth) em vez da preposição “com” (אִתּ, 'eth). Embora não seja possível se fazer uma avaliação precisa em relação à expressão de alegria de Eva no nascimento de Caim, definitivamente ela pensou que “o Senhor” de algum modo estava envolvido no nascimento de Caim (veja 29:31; 30:22; 33:5; 48:9; Jó 31:15; Salmos 127:3; 139:13; Jeremias 1:5). Aos olhos de Eva, aquele recém-nascido ou era “o Senhor” (no caso de ser Seu representante) ou tinham vindo “do Senhor”, “através do Senhor” ou “com a ajuda do Senhor”, como ditam a maioria das versões em português. Qualquer que seja o caso, a alegria os sonhos de Eva para o seu primogênito seriam frustrados e a esperança dela nesse menino-homem não dariam em nada. Ao invés de aliviar os sofrimentos dela, o menino infligiria uma ferida que, sem dúvida, causaria uma vida inteira de dor no coração dela.

Versículo 2. Algum tempo depois, Eva deu à luz a Abel, seu irmão [irmão de Caim]. O nascimento do segundo filho de Eva é descrito de uma maneira direta e objetiva, podendo implicar que ela tinha menos esperanças em Abel do que em Caim. De fato, ao contrário da exclamativa declaração de

⁴Walter C. Kaiser Jr., *Toward an Old Testament Theology*. Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, 1978, p. 37.

⁵“Targum of Palestine” em *The Targums*, p. 170.

Eva sobre o nascimento do seu primogênito, a falta de qualquer comentário sobre o nascimento de Abel pode revelar alguma decepção em relação à criança: será que ele não era tão formoso ou robusto como Caim? Não sabemos o que se passou pela mente de Eva naquela ocasião, mas o nome dele pode ser uma pista de um mau presságio sobre sua vida.

O nome “Abel” (הֶבֶל, *Hebel*) pode significar “vapor”, “sopro” ou “vaidade”. Este termo é geralmente usado no Antigo Testamento para deuses falsos e é traduzido por “ídolos”, declarando-os como “vaidades”. Às vezes refere uma pessoa que passou a vida “gastando suas forças inútil e vãmente” (Isaías 49:4). Em trinta e seis ocorrências no Livro de Eclesiastes, esse vocábulo denota uma pessoa que possuiu ou praticamente experimentou tudo na vida, sem, contudo, achar satisfação duradoura⁶. Não realizado, o Pregador disse continuamente que tudo é “vaidade” ou “futilidade” e “correr atrás do vento” (veja Eclesiastes 2:11, 17). Todavia, no caso do nome de Abel, *Hebel* provavelmente é um prenúncio da brevidade de sua vida, que foi abreviada por seu irmão Caim. O tempo de Abel na terra foi passageiro – como um “vapor” ou um “sopro”⁷.

Abel é descrito como um **pastor de ovelhas**⁸, enquanto **Caim** é citado como um **lavrador**⁹. Alguns argumentam que está história reflete uma luta clássica na civilização antiga entre dois tipos de estilos de vida: um agrícola e fixo e o outro pastoral e nômade. Nada no relato mostra preferência por um dos estilos em detrimento do outro, nem por Deus nem pelo homem. A diferença crucial entre Caim e Abel não reside na escolha vocacional de cada um, mas na atitude de coração.

As Ofertas e de Caim e Abel e a Resposta de Deus (4:3–7)

³Aconteceu que no fim de uns tempos trouxe Caim do fruto da terra uma oferta ao SENHOR.

⁶Victor P. Hamilton, “הֶבֶל” em *DITAT*, p. 335.

⁷Há outras sugestões para o significado do nome “Abel”. Alguns acreditam que ele remonta à palavra acadiana *aplu*, que significa “filho” ou “herdeiro”. Outros debatem que é uma variante de “Jabal”, que significa “pastor” (veja 4:20). Todavia, provavelmente é melhor entender *Hebel* como “vapor” ou “sopro” (Richard S. Hess, “Abel” em *The Anchor Bible Dictionary*, ed. David Noel Freedman. Nova York: Doubleday, 1992, vol. 1, p. 10).

⁸Mais tarde, cuidar de rebanhos foi a ocupação de personagens tão notáveis quanto Jacó (30:36), Moisés (Êxodo 3:1) e Davi (1 Samuel 16:11).

⁹Caim seguiu a vocação do pai, Adão (3:17–19).

⁴Abel, por sua vez, trouxe das primícias do seu rebanho e da gordura deste. Agradou-se o Senhor de Abel e de sua oferta; ⁵ao passo que de Caim e de sua oferta não se agradou. Irou-se, pois, sobremaneira, Caim, e descaiu-lhe o semblante. ⁶Então, lhe disse o Senhor: Por que andas irado, e por que descaiu o teu semblante? ⁷Se procederes bem, não é certo que serás aceito? Se, todavia, procederes mal, eis que o pecado jaz à porta; o seu desejo será contra ti, mas a ti cumpre dominá-lo.

Versículos 3 a 5. No fim de uns tempos, Caim e Abel prosperaram nas profissões que escolheram. O texto retrata os dois irmãos prestando adoração. Alguns estudiosos propuseram que a diferença crucial entre os dois jovens estava no que eles ofereceram a Deus: **trouxe Caim do fruto da terra** (cereais e/ou leguminosas), enquanto **Abel... trouxe das primícias do seu rebanho e da gordura deste**. O texto nada diz com respeito a Deus preferir um tipo de oferta ao outro, nesse momento. O relato simplesmente afirma que cada um trouxe uma **oferta** (מִנְחָה, *minchah*) ao Senhor. Este termo é usado mais tarde na história judaica com referência primeiramente às ofertas de farinha e grãos (Levítico 2:1-3, 14-16)¹⁰, mas também poderia incluir sacrifícios de animais (1 Samuel 2:17).

Agradou-se o Senhor de Abel e de sua oferta; ao passo que de Caim e de sua oferta não se agradou. Uma chave para entendermos por que a oferta de Abel foi mais valiosa para Deus do que a de Caim é a menção de “primícias do seu rebanho e da gordura deste”. Debaxo da lei de Moisés, as primícias ou primeiros frutos das safras (Êxodo 23:16-19; 34:22-26; Levítico 2:14), as primícias dos animais (Êxodo 13:11-13; 22:29, 30; 34:19, 20) e as gorduras (Êxodo 29:13; Levítico 3:3-5; 4:8-10; 7:23-25) pertenciam ao Senhor de um modo especial. Não sabemos se Deus instruiu essa linhagem de seres humanos nesse período primitivo da história. Todavia, Abel obviamente reconheceu as bênçãos sobre seus rebanhos e ficou agradecido o suficiente para dar ao Senhor a primeira e melhor parte do que possuía. Caim pode ter dado sua oferta com uma atitude relutante, simplesmente levando a Deus as sobras e guardando para si a primeira e melhor parte.

¹⁰Em Levítico 2 (e outras passagens), a antiga versão inglesa King James traduziu erroneamente *minchah* por “oferta de carnes”, quando o contexto indica claramente “oferta de grãos”.

O relato de Gênesis não diz por que Deus aceitou a oferta de Abel e rejeitou a de Caim. O texto é breve e fornece poucos detalhes; porém, parece claro que as atitudes de cada um para com Deus, para consigo mesmos e para com seus bens foram bem diferentes. O escritor de Hebreus enfatizou isso quando disse: “Pela fé, Abel ofereceu a Deus mais excelente sacrifício do que Caim; pelo qual obteve testemunho de ser justo, tendo a aprovação de Deus quanto às suas ofertas. Por meio dela, também mesmo depois de morto, ainda fala” (Hebreus 11:4).

Tomando por base a afirmação “agradou-se o Senhor de Abel e de sua oferta”, mas “não Se agradou” de “Caim e sua oferta”, podemos discernir várias verdades. 1) Apesar de os dois irmãos crerem em Deus e O adorarem, Abel tinha uma qualidade de fé (confiança em Deus) que Caim não tinha. 2) Apesar de os dois irmãos apresentarem ofertas ao Senhor, a fé que impeliu Abel a honrar a Deus dando-Lhe das primícias se diferenciava grandemente da fé de Caim, que talvez quisesse as primícias para si mesmo. Se estava exaltando a si mesmo, Caim não estava verdadeiramente honrando a Deus. Diferentemente dos seres humanos, Deus não só observa as ações externas do homem, mas também conhece as atitudes do coração de uma pessoa e discerne seus motivos ao prestar adoração. Mais adiante nas Escrituras, diz-se que o Senhor exige obediência e um coração reto de todo adorador que deseja agradá-LO (veja 1 Samuel 15:22; Oseias 6:6; Miqueias 6:8; Mateus 5:24; 23:23).

A raiva de Caim revela algo sobre a real atitude de seu coração. Na verdade, o texto diz que Caim **irou-se... sobremaneira** e o termo “sobremaneira” (מְאֹד, *me’od*) comunica a intensidade de seus sentimentos; Caim ardeu excessivamente de raiva. Há uma construção hebraica semelhante em Gênesis 34:7, que descreve a raiva dos filhos de Jacó quando ouviram a respeito do abuso sexual da irmã Diná pelo príncipe de Siquém. Este tipo de raiva, se não for controlada, pode levar ao homicídio, como aconteceu em ambos os relatos.

Além da raiva de Caim, o texto afirma: **descaiu-lhe o semblante** – o que significa literalmente que “seu rosto caiu”, ou que seu rosto ficou decaído com uma aparência de tristeza e desânimo (veja Jó 29:24). Nesta condição, Caim ficou num estado de humor perigoso, e Deus o sabia muito bem.

O Novo Testamento diz que Caim “era do Maligno” (o diabo) porque ele odiou seu irmão e o ma-

tou. A razão desse ato foi que “as suas obras eram más, e as de seu irmão, justas” (1 João 3:11–15). O homicídio não foi o começo do pecado de Caim; ele assassinou Abel porque “suas obras eram más”. O ódio e o ciúme do irmão mais novo antecederam os acontecimentos descritos em Gênesis 4:8. Então, o fato de Deus aceitar a oferta de Abel e rejeitar a de Caim foi o gatilho que desencadeou a chama de fúria latente em seu coração por tanto tempo. O resultado foi o assassinato de seu irmão.

Versículo 6. Então, lhe disse o Senhor: Por que andas irado, e por que descaiu o teu semblante? Deus demonstrou paciência e amor nas perguntas feitas a Caim, assim como fizera com Adão e Eva em 3:9–13. Novamente, as perguntas do Senhor não visavam obter informações porque Ele já sabia precisamente por que Caim estava “irado” e por que seu “semblante descaiu”. Deus queria que Caim examinasse a atitude de seu coração. Admitir a culpa poderia tê-lo levado ao arrependimento. O Senhor obviamente sabia que, se o ciúme do irmão mais velho pelo mais novo e seu ressentimento para com Deus não fossem percebidos, ele cometeria um pecado ainda mais grave: o assassinato do irmão. Todavia, o que aconteceu com Caim foi o mesmo que aconteceu com seus pais: sem confessar seu pecado nem mudar o coração, o irado Caim calou-se mal humorado, sem responder as perguntas de Deus.

Versículo 7. Este versículo apresenta várias questões gramaticais difíceis. Já em 250 a.C., com a tradução da LXX, tentou-se corrigir e reescrever o texto e essa prática continua até hoje. Está além do escopo deste comentário debater os aspectos técnicos do problema. Por ora, basta afirmarmos que, em vez da tradução **se procederes bem, não é certo que serás aceito?** (ERA), consideramos mais próxima da intenção original do autor a versão ARIB, que diz: “Porventura se procederes bem, não se há de levantar o teu semblante?”, pois ela inverte a imagem do sembrante decaído de Caim nos versículos 5 e 6. Se Caim fizesse o certo e tivesse uma boa atitude, ele teria o semblante elevado, o que está relacionado a ter uma boa consciência perante o Senhor sem culpa nem reprovação.

Deus advertiu Caim sobre o **pecado**, personificado como alguém que **jaz à porta**, pronto para dominá-lo. “Jaz” (רָבַץ, *rabats*)¹¹ ou “espreitar furti-

vamente” é o que um animal selvagem faz antes de saltar sobre sua presa e devorá-la. Caim deveria resistir ao pecado embora desejasse cometê-lo. Deus advertiu-o de que a ele **cumpria dominá-lo**. Caim não foi predestinado para ser o assassino de seu irmão, pois ele tinha livre arbítrio e podia escolher se daria ou não continuidade àquele ato. Ele não estava num estado de total depravação ou tão afundado na escravidão ao pecado – herdado ou real – que não tinha outra opção. Pelo contrário, ele enfrentou a escolha entre duas alternativas e tinha a responsabilidade de optar pela escolha certa: poderia ter obedecido de coração ao Senhor, em vez de permanecer em desobediência e insistindo numa atitude má para com Deus e seu irmão. A afirmação do Senhor “se procederes bem” não teria sentido se Caim não pudesse responder fazendo o bem. Além disso, a ênfase na responsabilidade de Caim em resistir ao pecado é evidente pelo uso do pronome enfático no começo da acusação divina. O hebraico diz literalmente: “...*tu*, tu deves dominá-lo”.

Caim Assassina Seu Irmão (4:8–16)

8Disse Caim a Abel, seu irmão: Vamos ao campo. Estando eles no campo, sucedeu que se levantou Caim contra Abel, seu irmão, e o matou. **9Disse o SENHOR a Caim: Onde está Abel, teu irmão? Ele respondeu: Não sei; acaso, sou eu tutor de meu irmão?** **10E disse Deus: Que fizeste? A voz do sangue de teu irmão clama da terra a mim.** **11És agora, pois, maldito por sobre a terra, cuja boca se abriu para receber de tuas mãos o sangue de teu irmão.** **12Quando lavrares o solo, não te dará ele a sua força; serás fugitivo e errante pela terra.** **13Então, disse Caim ao SENHOR: É tamanho o meu castigo, que já não posso suportá-lo.** **14Eis que hoje me lanças da face da terra, e da tua presença hei de esconder-me; serei fugitivo e errante pela terra; quem comigo se encontrar me matará.** **15O SENHOR, porém, lhe disse: Assim, qualquer que matar a Caim será vingado sete vezes. E pôs o SENHOR um sinal em Caim para que o não ferisse de morte quem quer que o encontrasse.** **16Retirou-se Caim da presença do SENHOR e habitou na terra de Node, ao oriente do Éden.**

Salmos 23:2; Isaías 13:20; 14:30; Ezequiel 34:14); porém, em Gênesis 4:7 e 49:9 parece significar “um animal feroz pronto a precipitar-se sobre a presa”, sendo usado no sentido figurado (William White, “רָבַץ” em *DITAT*, p. 1395).

¹¹Este termo geralmente significa “deitar-se”, com referência a animais domesticados ou pessoas (Gênesis 29:2;

Versículo 8. Apesar da advertência divina, Caim permitiu que seu ódio o levasse a pecar mais. Dado o temperamento colérico de Caim e sua não aceitação da explicação divina sobre por que sua adoração foi rejeitada e a de seu irmão aceita, é provável que ele ferveu de ciúme a ponto de transbordar num acesso de fúria.

O versículo 8 começa afirmando: **Disse Caim a Abel, seu irmão.** O texto hebraico não dá indicação do que Caim disse a Abel. Baseando-se na LXX e em outras versões antigas, a ERA faz aqui uma inserção: “Vamos ao campo”; porém estas palavras são mera conjectura. Se Caim enganou Abel para saírem ao campo ou se ele simplesmente entrou em calorosa discussão com ele, iniciada em casa e continuada lá fora **no campo**, não sabemos. O texto original simplesmente diz que **sucedeu que se levantou Caim contra Abel, seu irmão, e o matou.** A palavra hebraica equivalente a “matou” é *הָרַג* (*harag*), comumente usada para assassinato violento, intencional, como na ocasião em que Levi e Simeão mataram os homens de Siquém (Gênesis 34:25, 26) ou no caso em que Jezabel matou os profetas do Senhor (1 Reis 18:13).

Versículo 9. Mais uma vez, **o Senhor** fez uma pergunta **a Caim: Onde está Abel, teu irmão?** Como antes, esse questionamento era retórico e não visava extrair informações; a intenção era incitar no irmão mais velho a introspecção e fazê-lo ver que tipo de pessoa ele se tornara. Não havia naquele coração nenhum espaço para piedosa tristeza e arrependimento? Infelizmente não, pois Caim respondeu com uma negação expressa em sarcasmo cínico: **Não sei; acaso, sou eu tutor de meu irmão?** Adão, depois de tentar transferir a culpa, admitiu seu pecado com relutância. Caim, porém, somou à sua culpa uma mentira, tentando evadir da pergunta de Deus e rejeitando qualquer responsabilidade por seu irmão através de outra pergunta: “Sou eu tutor de meu irmão?”

Caim também fez uma pergunta retórica, antecipando um “não” como resposta. Seu aborrecimento ao ser questionado sobre Abel comprovou o ódio e o descaso por ele. Ao empregar o termo “tutor” (*שָׁמַר*, *shamar*), Caim recusou ter alguma preocupação com o irmão ou responsabilidade por ele. O verbo derivado, “guardar”, ocorre na Bíblia envolvendo os conceitos de cuidar de, preservar, sustentar, controlar, regular e exercer autoridade sobre propriedade, animais e pessoas, dependendo do contexto (veja comentários sobre

3:24)¹². Deus, obviamente, é o grande guarda do Seu povo, o qual nunca dormita nem dorme (Salmos 121:4–8). Os pais naturalmente cuidam dos filhos e os mantêm a salvo de perigos. Da mesma forma, irmãos presbíteros aceitam a incumbência de vigiar e cuidar de seus irmãos mais jovens. Caim, no entanto, não parecia ter nenhuma dessas preocupações; ele não demonstrou nenhuma afeição natural em saber onde Abel estava ou o que acontecera com ele. Quando Deus o inquiriu a respeito do irmão, ele mentiu. Ele foi evasivo e indiferente a Abel.

Versículo 10. Deus não presenteou a pergunta de Caim com uma resposta, mas fez o jovem confrontar sua covardia perguntando: **Que fizeste?** Apesar da frase ser dita no formato de uma pergunta, na verdade, era uma acusação porque Deus não buscava informações. Deus não esperou outra resposta evasiva da parte de Caim, mas surpreendeu-o revelando uma testemunha do assassinato: **A voz do sangue de teu irmão clama da terra a mim.** O escritor de Hebreus afirmou algo semelhante sobre Abel, dizendo que “mesmo depois de morto, [seu sangue] ainda fala” (Hebreus 11:4). Povos antigos acreditavam que o sangue humano derramado no chão clamava, por assim dizer, para que o assassino fosse punido.

O mesmo tipo de expressão encontra-se no clamor errante de Jó contra Deus¹³, a quem ele acusou de assassino: “Ó terra, não cubras o meu sangue, e não haja lugar em que se oculte o meu clamor!” (Jó 16:18). Evidentemente, foi Satanás e não Deus quem na realidade afligiu Jó; mas ele não tinha como saber disso, pois Deus não o revelou. Isso mostra que, desde os tempos mais remotos, acreditava-se que o sangue de uma vítima inocente clamava por vingança contra seu assassino. O escritor de Hebreus afirmou que o sangue de Jesus “fala coisas superiores ao que fala o próprio Abel” (Hebreus 12:24). O sangue de Abel só clamou por vingança; mas o sangue de Jesus expia os pecados e crimes de todos os injustos. Ele oferece perdão em vez de vingança e assim proclama uma mensagem superior aos perdidos.

¹² John E. Hartley, “שָׁמַר” em *DITAT*, p. 1587.

¹³ Jó ignorava completamente o papel de Satanás em todas as calamidades que lhe sobrevieram, por isso ele acusou Deus de ser responsável por sua desgraça. Por exemplo, em Jó 16:12 e 13, ele acusou Deus de ser incompassivo estabelecendo-o como um “alvo” e atirando “flechas” nele, atravessando seus “rins” e derramando seu “fel na terra”. Há várias outras acusações no livro.

Versículo 11. Assim como seus pais, Caim não demonstrou arrependimento por seu crime e não pediu perdão. Ele teria que aprender que ações geram consequências, e ele não tiraria a vida do irmão impunemente. Na verdade, o leitor pode ficar surpreso por Deus não matar Caim imediatamente por causa de seu ato perverso. Mais tarde, é claro, Deus prescreveria que no caso de assassinato premeditado, o criminoso deveria ser executado (Gênesis 9:6; Êxodo 21:12–14). Todavia, assim como Adão e Eva, pela graça, tiveram permissão para continuar a viver em sofrimento e luta após terem sido advertidos do castigo de morte, Caim também recebeu seu castigo. Ele certamente merecia a morte; mas a graça de Deus prevaleceu de maneira que ele pôde continuar vivo, ainda que **maldito por sobre a terra** da qual dependia para sobreviver. Essa terra **abriu a boca para receber de [sua] mão o sangue de [seu] irmão**.

Versículo 12. Em certo sentido, o solo debaixo de seus pés morreu: **Quando lavrares o solo, não te dará [produzirá] ele a sua força**. Ele jamais voltaria a desfrutar da produtividade do solo que um dia cultivou.

A sentença contra o solo significou “tudo” para Caim. Ele havia levado ao Senhor “o fruto da terra” (4:3). Agora, não conseguiria fazer o que gostava ou tinha habilidade pelo resto da vida, pois fora “lançado da face da terra” (4:14).

Por causa de seu pecado, Caim seria **fugitivo e errante pela terra**, sem possuir terras nem lar. Sua experiência tornou-se um precursor da peregrinação de Israel no deserto por quarenta anos devido à incredulidade, desobediência e rebeldia do povo contra Deus (Números 14:33, 34; Deuteronômio 2:14, 15). A expulsão de Caim também veio a achar paralelo na história de Israel, quando o povo de Deus foi obrigado a retirar-se da terra para o cativeiro por causa de contínuas imoralidade e idolatria (Levítico 18:24–29; 26:31–35; Deuteronômio 28:63–65).

Caim, por assim dizer, foi sentenciado a um inferno que ele mesmo escolheu: não querendo viver em paz com a família, teve que viver sem ela. Ele passou a ser um perigo para a sociedade, por isso teve que viver separado dela. Semelhantemente, já que Caim não quis Deus em sua vida, Deus não o obrigou a viver em comunhão com Ele nem com o Seu povo. Este conceito é desenvolvido mais amplamente no Novo Testamento: após o juízo final, os que rejeitaram o amor de Deus e a comunhão serão excluídos de Sua presença e da presença dos

remidos para sempre (Mateus 8:11, 12; 2 Tessalonicenses 1:6–10).

Versículos 13 e 14. Caim respondeu ao Senhor exclamando: **É tamanho o meu castigo, que já não posso suportá-lo**. Essa resposta não mostrou remorso pelo assassinato do irmão, mas só evidenciou autopiedade e indignação para com Deus. Caim reclamou que a consequência de seu pecado, ser **lançado da face da terra**, era mais do que deveria sofrer. Caim parecia estar dizendo: “Expulsaste meus pais do Éden, porém meu destino é pior porque não encontrarei lugar para me assentar. Também aumentaste o trabalho e as dificuldades de meu pai no cultivo da terra, porém de mim tiraste completamente o solo fértil, transformando-me num errante e viajante. Além disso, estarei oculto da Tua face. Não mais me verás nem cuidarás de mim, como fizeste com meu pai, minha mãe e meu irmão, mesmo depois que o Éden já não era acessível”. A ironia aqui está no fato de que, até esse momento, Caim parecia se indignar com a presença de Deus e considerá-la uma intrusão em sua vida. A partir de agora, porém, ele reconhecia o que estava perdendo – mas era tarde demais. Ele se sentiu desamparado e disse: **Quem comigo se encontrar me matará**. A separação de Deus fez Caim temer que outros homens o ferissem.

A preocupação de Caim parece confirmar que já havia muitos outros seres humanos vivendo no mundo naquele tempo, assim como a menção de que ele tomou uma esposa e edificou uma cidade (4:17). Talvez ele pensasse que alguém agiria como um “vingador de sangue” e procuraria matar o assassino. O escritor de Gênesis não incluiu nenhum dado cronológico: ele não informou quanto tempo se passara desde que Adão e Eva foram expulsos do Éden até o nascimento de Caim e Abel, nem disse quantos anos se passaram até que o irmão mais velho matou o mais novo. A narrativa tampouco inclui uma explicação sobre quem o assassino temia ou onde ele arranjou uma esposa. Adão e Eva tiveram outros filhos, homens e mulheres (4:25; 5:4), porém não há registro cronológico das vidas desses filhos. A esposa de Caim e um suposto “vingador de sangue” tinham de ser parentes – todos descendentes de Adão e Eva (3:20; Atos 17:26) – porém não sabemos quantos anos se passaram desde que o primeiro casal perdeu o lar original no jardim. O propósito do autor não foi apresentar um relato cronológico exato de todos esses acontecimentos. Seu foco estava na condição humana e no espiral

descendente para o pecado, quando o homem foi se afastando cada vez mais de Deus, e como tudo isso acabou por resultar no grande dilúvio.

Versículo 15. Caim argumentou que o castigo de Deus era demais para ele, mas este versículo marca uma reviravolta no relato. **O Senhor** proferiu uma sentença de juízo, porém, logo em seguida, demonstrou Sua graça com uma promessa e um ato de proteção divina em favor desse pecador não arrependido. Disse Deus: **Assim, qualquer que matar a Caim será vingado sete vezes.** O termo “vingar” (נָקַם, *naqam*) conforme usado no Antigo Testamento geralmente designa a retribuição divina a Seus inimigos ou aos membros de Seu povo que intencionalmente transgridem Sua aliança¹⁴. A declaração clássica deste princípio é: “A Mim Me pertence a vingança... Eu é que retribuirei, diz o Senhor” (Deuteronômio 32:35, 42; Romanos 12:19).

Deus não poderia ser fiel ao Seu caráter de santidade e justiça, se simplesmente estranhasse o pecado e a iniquidade, deixando-o passar impune. Sempre que Deus emitiu julgamentos temporários sobre homens e nações, deu-se o nome a isso de “o dia da vingança” do Senhor (Isaías 34:8; 61:2; 63:4; veja 35:4; 47:3). Todavia, nas relações interpessoais de baixo da lei de Moisés, o povo de Deus não deveria se vingar dos malfeitores. O Senhor instruiu Moisés a dizer a Israel: “Não te vingarás, nem guardarás ira contra os filhos do teu povo; mas amarás o teu próximo como a ti mesmo. Eu sou o Senhor” (Levítico 19:18). A história de Caim parece fazer alusão ao mesmo tipo de atitude para com o assassino.

O conceito do “vingador do sangue”, prescrito na lei mosaica, não visava dar início a um extermínio entre famílias ou clãs, como às vezes acontece entre diversos grupos. Deus estava provendo um sistema de justiça numa comunidade tribal em que não havia um governo nem um sistema judiciário central para punir malfeitores. No caso de assassinato, o parente mais próximo da vítima assassinada deveria aplicar a justiça. A instituição posterior de cidades de refúgio foi um refinamento dessa prática; ela fazia distinção entre uma morte accidental e um assassinato em primeiro grau, provendo castigo mais leve no caso de alguém matar sem intenção (Números 35:9–28)¹⁵.

Quando Deus anunciou que o assassino de Caim seria vingado sete vezes, é duvidoso que Ele quisesse dizer que o assassino de Caim mais seis membros de sua família morreriam ou que Deus castigaria sete gerações a partir de Caim. A expressão pode ser apenas uma figura de linguagem poética referente à amplitude ou inteireza da vingança divina. “Sete” é o número sagrado usado muitas vezes nas Escrituras com esse significado (Levítico 26:24, 25; Salmos 12:6; 79:12; Provérbios 6:31).

Deus, então, movido por Sua graça, **pôs um sinal em Caim**. Esse sinal não foi uma maldição sobre ele; antes, lhe garantiu proteção num mundo hostil. De fato, quando os homens o vissem, saberiam que ele estava sob proteção divina e **não o feririam de morte**. Esse “sinal” (אֵימָה, *’oth*), portanto, deveria ser visível. Poderia ser algum tipo de marca, como uma tatuagem, no rosto ou na testa. A presença dessa marca permitiu que Caim vivesse seu tempo natural de anos sobre a terra.

Versículo 16. A ironia desta história é que ela começou com dois irmãos tentando se aproximar de Deus prestando adoração. Depois que **Caim** matou Abel num acesso de ciúme e fúria, o homicida não arrependido **retirou-se da presença do Senhor**. Foi assim que o autor de Gênesis explicou como Caim passou a viver separado de Deus e por que ele **habitou na terra de Node, ao oriente do Éden**. O nome “Node” (נוֹד, *Nod*) significa literalmente “peregrinar, vagar” como numa vida errante de desgraça¹⁶. Em vez de designar um lugar em particular, o termo provavelmente denota uma região geográfica “ao oriente do Éden” (o lar que Deus originalmente preparou para os seres humanos), onde esse homem que recusou a orientação divina poderia viver sua sentença divina como um “fugitivo e errante pela terra” (4:14).

DUAS GENEALOGIAS (4:17–26)

A Família de Caim e o Começo dos Costumes Culturais (4:17–24)

¹⁷E coabitou Caim com sua mulher; ela concebeu e deu à luz a Enoque. Caim edificou uma

¹⁴Kenneth A. Mathews, *Genesis 1–11:26*, The New American Commentary, vol. 1A. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1996, p. 277.

¹⁵Elmer B. Smick, “נָקַם” em *DITAT*, p. 475.

¹⁶Helmer Ringgren, “נוֹד” em *Theological Dictionary of the Old Testament*, trad. David E. Green, ed. G. Johannes Botterweck, Helmer Ringgren e Heinz-Josef Fabry. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1998, vol. 9, p. 271. A forma verbal נִדָּה (*nud*) refere a “peregrinação incerta de um nômade”.

cidade e lhe chamou Enoque, o nome de seu filho.

¹⁸A Enoque nasceu-lhe Irade; Irade gerou a Meujael, Meujael, a Metusael, e Metusael, a Lameque.

¹⁹Lameque tomou para si duas esposas: o nome de uma era Ada, a outra se chamava Zilá. ²⁰Ada deu à luz a Jabal; este foi o pai dos que habitam em tendas e possuem gado. ²¹O nome de seu irmão era Jubal; este foi o pai de todos os que tocam harpa e flauta. ²²Zilá, por sua vez, deu à luz a Tubalcaim, artífice de todo instrumento cortante, de bronze e de ferro; a irmã de Tubalcaim foi Naamá.

²³E disse Lameque às suas esposas:

Ada e Zilá,

ouvi-me;

vós, mulheres de Lameque,

escutai o que passo a dizer-vos:

Matei um homem porque ele me feriu;

e um rapaz porque me pisou.

²⁴Sete vezes se tomará vingança de Caim, de Lameque, porém, setenta vezes sete.

Versículo 17. Embora Caim tivesse matado seu irmão e estivesse sob sentença divina, Deus não abandonou Seu plano de povoar a terra. Gênesis nada relata sobre quem se casou com Caim ou quando aconteceu esse casamento. Mesmo assim, a esposa de Caim só pode ter sido uma das filhas de Adão mencionadas em 5:4 (veja 3:20; Atos 17:26). Quando havia poucas pessoas na terra, o casamento entre parentes era uma necessidade. Até muitas gerações depois, Abraão casou-se com sua meia-irmã (20:12). Todavia, à medida que as pessoas se multiplicaram na terra, já não foi necessária essa prática, e a lei de Moisés até a condenava severamente (Levítico 18:9).

A bênção original de Deus e a ordem para “se multiplicarem e encherem a terra” (1:28) continuava em vigor, apesar do pecado. Assim como aconteceu com Adão e Eva, **coabitou Caim com sua mulher; ela concebeu e deu à luz a Enoque.** Ao contrário do primeiro casal (4:1), nem Caim nem sua esposa mencionaram o Senhor como participante do nascimento de seu filho Enoque. Segundo a genealogia que vem a seguir, eles geraram uma linhagem de descendentes que não deram lugar para o Senhor em suas vidas.

A designação “Enoque” (também grafada “Hanoach”) aparece várias vezes em Gênesis, mas os indivíduos mais importantes que descenderam de Adão e Eva e usaram esse nome são o filho de Caim e um descendente posterior da linhagem de

Sete (5:18–24). Na verdade, o nome “Enoque” é de etimologia incerta, mas a palavra conforme está escrita em Gênesis provavelmente deriva do hebraico חָנָךְ (*chanak*), que significa “educar” ou “dedicar”. A segunda ideia parece mais apropriada, visto que **Caim edificou uma cidade e lhe chamou Enoque** em homenagem ao filho¹⁷.

Mesmo tendo Deus condenado Caim a vagar, ele habitou em “Node” (literalmente, uma terra de “peregrinação”; 4:16). Por fim, ele fez o oposto do decreto divino edificando uma cidade. O texto faz alusão a uma vida de desobediência contínua a Deus.

Versículo 18. O relato, então, cita os nomes de quatro descendentes de Enoque por ordem de sucessão: **Irade, Meujael, Metusael e Lameque.** Nenhuma informação, além de seus nomes, é dada sobre os três primeiros da lista. Parece que nada realizaram digno de menção, além do fato de estarem ligados à corrente de descendentes de Adão por meio de Caim, cumprindo a função determinada por Deus de povoar a terra. O autor mudou rapidamente para o quarto indivíduo, o infame Lameque, que era a sétima geração a partir de Adão.

Versículo 19. A primeira indicação do declínio moral de Lameque é a afirmação de que ele teve **duas esposas: Ada e Zilá.** Foi, então, com ele que a monogamia começou a ser transgredida. Essa atitude, obviamente, era um distanciamento da vontade de Deus expressa na criação: “Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne” (2:24). A graça de Deus novamente ocupou o primeiro plano: Deus não condenou Lameque por isso, nem aos patriarcas que praticaram a poligamia. Todavia, é claro que essas práticas trouxeram dolorosas consequências aos que se conduziram nesse estilo de vida depravado. De fato, o Antigo Testamento retrata os participantes de quase todos os casamentos polígamos sofrendo intrigas domésticas devastadoras para os envolvidos. Num sentido, Deus permitiu que o homem aprendesse a duras penas o que acontece quando a criatura decide que o seu sistema matrimonial é melhor do que o sistema ordenado pelo Criador.

Versículos 20–22. Ada e Zilá, juntas, tiveram quatro filhos. Ada teve dois filhos e Zilá, um filho e uma filha. O texto cita os nomes de cada filho, e uma descrição da profissão de cada homem além

¹⁷Mathews, p. 285.

de sua contribuição para a civilização. Quanto à filha de Zilá, **Naamá**, nada se diz; nenhum feito cultural é atribuído a ela.

O nascimento de **Jabal**, filho de Ada, é mencionado em primeiro lugar, juntamente com o fato de que ele **foi o pai dos que habitam em tendas e possuem gado**. Neste contexto, “pai” não está no sentido literal, mas figurado. Jabal foi o fundador de todos os habitantes de tenda seminômades e dos que criam rebanhos de animais (4:2). Como Jabal poderia ser descrito como o que deu origem a essa profissão? Os contestadores disso ignoram o fato de que o termo usado para descrever os rebanhos de Abel é **צֹאן** (*tso’n*), que denota animais menores como ovelhas e cabras¹⁸. A palavra que designa a profissão de Jabal é **מִקְנֵה** (*miqueh*), que “compreende todos os animais criados em gado” como ovelhas, cabras, bois, jumentos e camelos (47:16, 17; Êxodo 9:3)¹⁹. Sendo assim, não há contradição no texto.

Jubal, outro filho de Ada, é descrito como **o pai de todos os que tocam harpa e flauta**. “Harpa” aqui é o instrumento primitivo também denominada “lira”. A “lira” era um instrumento de cordas tocado com as mãos (1 Samuel 16:23) e a “flauta” provavelmente era um instrumento de sopro, sendo mencionada apenas algumas vezes no Antigo Testamento, geralmente relacionada com a lira (Jó 21:12; 30:31).

Tubalcaim, filho de Zilá, tornou-se o fundador da tecnologia metalúrgica. Ele é descrito como **artífice de todo instrumento cortante, de bronze e de ferro**. Todavia, afirmar que ele “forjava” metais evoca a imagem de uma ciência mais avançada de fusão de minério do que a existente nesse período primitivo da história do homem. Uma tradução mais exata da raiz hebraica **לָטַשׁ** (*latash*) é “afiar”, “golpear” ou “martelar”²⁰. Além disso, o significado básico da palavra traduzida por “bronze” (**נְחֹשֶׁת**, *nechosheth*), na verdade, é “cobre”²¹, que devia ser o minério com que Jubal trabalhava. Foi somente no fim do terceiro milênio ou começo do quarto milênio a.C. que o cobre começou a ser fundido com estanho para formar um metal mais resistente.

Não se deve inferir que a referência a “instru-

mento... de ferro” indica a disponibilidade abundante ou sofisticada de ferramentas e armas de ferro já nesse período primitivo. Considerando que a extração e fusão de ferro só começaram por volta de 1400 a.C., entre os hititas na Anatólia, a pequena quantia de ferro disponível no Oriente Próximo antigo devia advir principalmente de meteoritos. Foram descobertos no Egito e na Mesopotâmia vários instrumentos de ferro meteorítico datando do terceiro milênio a.C. Embora seja verdade que alguns objetos de ferro oriundo da Terra tenham sido descobertos, o baixo teor de níquel neles contido se diferencia do ferro meteorítico usado pelo homem primitivo. Os peritos acreditam que esse ferro tornou-se disponível para uso como “um subproduto do processo de refino do ouro”²².

As contribuições culturais que Jabal, Jubal e Tubalcaim fizeram à civilização não foram necessariamente tremendos avanços (pelo menos, segundo os padrões modernos). Mesmo assim, o escritor bíblico atribuiu a eles alguns progressos em determinadas áreas. Eles foram os precursores ou progenitores de habilidades culturais e profissões que se desenvolveram ao longo de um período. Juntamente com os avanços na cultura e nas invenções ocorreu um aumento do pecado. O desabrochar da civilização não tornou o homem uma pessoa melhor em si, nem o fez tratar seus semelhantes com mais respeito ou ter uma atitude mais reverente em seu coração para com Deus.

Os avanços conquistados pelos descendentes de Caim não foram maus em si mesmos. De fato, as bênçãos materiais e os talentos que esses indivíduos usaram foram dádivas de um Criador gracioso e tiveram como objetivo melhorar a vida do homem na terra. Todavia, dádivas podem se tornar uma causa de tropeço: quanto mais o homem avança com as habilidades que Deus lhe concedeu, mais ele pode se elevar cheio de orgulho e tender a gloriar-se em suas realizações, sentindo menos necessidade de Deus em sua vida. A cultura, por si só, não torna os seres humanos indivíduos melhores. Ela não os torna moralmente corretos, amorosos uns para com os outros, ou agradecidos e reverentes a Deus. A cultura não trata do problema do pecado. Se não for interrompido, o pecado causa destruição e desintegração da sociedade. Isto se evidencia nas

¹⁸John E. Hartley, “צֹאן” em DITAT, p. 1468.

¹⁹Gordon J. Wenham, *Genesis 1—15*, Word Biblical Commentary, vol. 1. Waco, Tex.: Word Books, 1987, p. 113.

²⁰Ludwig Koehler e Walter Baumgartner, *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*, ed., trad. e ed. M. E. J. Richardson. Boston: Brill, 2001, vol. 1, p. 528.

²¹Ibid., vol. 1, p. 691.

²²Gerhard F. Hasel, “Iron” em *The International Standard Bible Encyclopedia*, ed. rev., ed. Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1982, vol. 2, p. 880.

palavras vingativas de Lameque e nos fatos que se seguiram.

Versículo 23. Ao tomar duas esposas, Lameque desviou-se do plano original de Deus para o casamento e colocou **Ada e Zilá** numa situação de competitividade e humilhação. Lameque declarou sua proeza e domínio sobre qualquer um que o incomodasse, e mostrou sua arrogância exigindo que suas esposas escutassem o que ele dizia. As palavras de Lameque se apresentam como um poema. Embora nenhuma arma seja mencionada no discurso, esse trecho tem sido chamado de “Cântico da Espada”. A vanglória de Lameque talvez se baseasse no fato de que seu filho Tubalcaim havia criado uma nova arma de metal que o fazia sentir-se invencível.

Em seu cântico provocativo, Lameque gabou-se para as duas esposas, dizendo: **Matei um homem porque ele me feriu; e um rapaz porque me pisou.** Esta declaração suscita pelo menos duas perguntas que envolvem a tradução. A primeira é: Lameque estava emitindo um aviso contra qualquer um que o atacasse, ou se referia a um acontecimento já ocorrido? O texto hebraico emprega uma forma perfeita de *הָרַג* (*harag*), cujo significado, segundo alguns, é “eu matarei [qualquer que me ferir]”²³. Todavia, a maioria das versões concorda com a tradução do verbo como um pretérito perfeito (“Eu matei”²⁴). Isto significa que Lameque não era só assassino, mas também uma pessoa desprezível que se orgulhava do que havia feito.

Em segundo lugar, a linguagem se refere à matança de um ou dois homens? A tradução da ERA implica dois homens, pois menciona “um homem” e “um rapaz”. Todavia, nesse tipo de literatura poética, os dois versos poderiam ser um paralelismo referente a uma única pessoa. Em vez de “rapaz”, muitas versões traduzem a palavra *יָלֵד* (*yeled*)²⁵ por “jovem” (ACRF; ERC; Bíblia Judaica) ou “mancebo” (ARIB). O propósito da repetição apoia a ideia de que os termos “homem” e “rapaz” designam o mesmo indivíduo. Neste caso, “rapaz” enfatizaria a força do indivíduo, es-

tando na flor da idade.

A atitude de Lameque neste cântico de ostentação foi, notavelmente, diferente da atitude de seu ancestral Caim. Este cometeu assassinato e depois tentou encobri-lo, fingindo ignorar o paradeiro de seu irmão quando Deus o confrontou (4:9). Ao contrário disso, Lameque orgulhou-se do que fez e quis contar o fato às suas mulheres para que elas e, presumivelmente, outros soubessem que homem corajoso ele era.

Versículo 24. Depois de relatar seu crime, Lameque disse: **Sete vezes se tomará vingança de Caim, de Lameque, porém, setenta vezes sete.** Mais uma vez, não está claro o que ele pretendia aqui. Talvez o sentido seja: “Se quem matar Caim será castigado sete vezes [4:15], quem me matar será castigado setenta e sete vezes!” Se for esse o sentido, Lameque estava proferindo uma maldição contra quem quisesse levá-lo à justiça por seu crime.

Também pode ser que o *próprio* Lameque (e não Deus) se via como o executor de vingança contra quem *tentasse* tirar-lhe a vida. Neste caso, ele estava dizendo, arrogantemente, que seu castigo seria muito maior do que o de Deus contra quem matasse Caim. “Setenta e sete vezes” é uma hipérbole, que significa até o grau máximo²⁶. Se alguém tentasse lhe tirar a vida por ter matado o rapaz, ele destruiria essa pessoa. O uso do número “7”, que representa totalidade e perfeição, pode basear-se no relato dos sete dias da criação, incluindo o descanso de Deus. Todavia, Lameque usou-o no sentido de cúmulo da crueldade.

A linguagem hiperbólica poderia significar que Lameque se tornaria uma espécie de máquina mortífera, um precursor dos homens poderosos e violentos citados em Gênesis 6:4, 5 e 11. Pode ser por isso que o registro da genealogia de Caim para na sétima geração: talvez o autor quisesse enfatizar que, em sete gerações a partir de Adão, o declínio moral e espiritual – incluindo o ódio e o desejo de matar – atingiu o patamar máximo e Lameque foi o ápice disso. Relatar os nomes de outros que trouxeram o caos à terra era desnecessário, mas o pecado deles, por fim, os levou ao julgamento de Deus no grande dilúvio (caps. 6–8).

²³ “Eu matarei” é uma alternativa oferecida em nota de rodapé de algumas versões inglesas (*American Standard Version* e *New International Version*). A tradução “eu matarei” é encontrada na *New English Bible* e *Revised English Bible*.

²⁴ Veja todas as versões disponíveis em língua portuguesa.

²⁵ O termo *yeled* é usado no Antigo Testamento para um amplo leque de idades, incluindo uma criança (21:8), um adolescente (21:16) e jovens adultos (1 Reis 12:8).

²⁶ Este tipo de egocentrismo e espírito vingativo é exatamente o contrário ao que Cristo deseja ver em Seus seguidores. Em Mateus 18:21 e 22, Ele disse para Pedro perdoar quem pecasse contra ele “setenta vezes sete” ou “setenta e sete vezes” (nota de rodapé; NVI).

Sete e Sua Família (4:25, 26)

²⁵Tornou Adão a coabitar com sua mulher; e ela deu à luz um filho, a quem pôs o nome de Sete; porque, disse ela, Deus me concedeu outro descendente em lugar de Abel, que Caim matou. ²⁶A Sete nasceu-lhe também um filho, ao qual pôs o nome de Enos; daí se começou a invocar o nome do Senhor.

Versículo 25. Após a breve lista das sete gerações desde Adão a Lameque, este versículo serve de transição entre os descendentes de Caim e a linhagem de Sete, que vem a seguir. Esta é a terceira vez que o autor disse que um homem (**Adão** duas vezes e Caim uma vez) **coabitou com sua mulher** e que **ela deu à luz um filho** (4:1, 17, 25). Eva chamou o filho de **Sete**. No texto hebraico, ocorre um jogo de palavras entre o nome “Sete” (שֵׁט, *Sheth*) e a frase de Eva: **Deus me concedeu** [שָׁתַּת, *shath*] **outro descendente em lugar de Abel, que Caim matou**.

Estas palavras são diferentes das que Eva disse no nascimento de Caim (4:1), quando pôs o foco em si mesma (“[Eu] adquiri...”). No nascimento de Sete, Eva pôs o foco no Senhor (“Deus me concedeu...”). Isto pode indicar o desenvolvimento de certa maturidade espiritual em Eva. Aparentemente, ela viu o nascimento de Sete como a resposta de Deus à perda de seu justo filho Abel, a quem Caim matou.

Além disso, Eva referiu-se a Sete como “outro descendente” (זֶרַע, *zera'*), que significa “semente”. Essa expressão remete ao “descendente” prometido que um dia esmagaria a cabeça da serpente (3:15). Embora não tenhamos conhecimento de como ela interpretou essa vaga promessa (veja os comentários sobre 3:15), a frase implica que ela previa uma linhagem de descendentes justos como Abel através de Sete. Muitos dos homens descritos no restante de Gênesis parecem preencher essa expectativa.

Versículo 26. O anúncio do nascimento de **Enos**, o primogênito de **Sete**, significa que prevalecia a esperança do prometido “descendente”. “Enos” (אֵנוֹשׁ, *'Enosh*) é outra palavra como אָדָם (*'adam*; veja 1:26, 27; 5:1–5). Pode significar “homem” em geral (Jó 36:25; Salmos 8:4) e também serve de nome de um indivíduo específico (aqui e em 5:6–11). Pela influência de Enos, **se começou a invocar o nome do Senhor**. Esta expressão é comumente usada em Gênesis para resumir a atividade religiosa dos patriarcas (12:8; 13:4; 21:33; 26:25). Refere-se a adoração, geralmente oração e sacrifício ao Senhor. O autor, evidentemente, estava salientando a origem da adoração regular a Deus, assim como ele havia traçado as origens do pastoreio, da música e da metalurgia²⁷.

²⁷ Wenham, p. 116.

O PECADO E A SALVAÇÃO

Assim como Caim, e assim como Adão e Eva, todos pecaram; porém o perdão e a redenção estão disponíveis em Cristo Jesus (Romanos 3:23, 24). Jesus “Se manifestou para tirar os pecados, e nEle não existe pecado” (1 João 3:5). Os que querem estar “em Cristo” e ter vida eterna precisam crer que Jesus é o Filho de Deus (1 João 5:13), o qual veio ao mundo para ser a propiciação, ou fazer expiação, por nossos pecados (1 João 2:2; 4:10; veja Romanos 3:25). “Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras” (1 Coríntios 15:3) e somos instruídos a morrer “para o pecado” e viver “para a justiça” (1 Pedro 2:24). Isto requer arrependimento (Atos 2:38; 17:30).

O único caminho para uma pessoa livrar-se dos pecados que já cometeu é lavá-los no ato do batismo (Atos 22:16). Hebreus 9:22 diz que “sem derramamento de sangue não há perdão”, mas o texto prossegue explicando que Jesus ofereceu “para sempre, um único sacrifício pelos pecados” (Hebreus 10:12). Visto que “todos que... fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados na Sua morte” (Romanos 6:3), “temos a redenção, pelo Seu sangue, a remissão dos pecados” (Efésios 1:7). Os cristãos – os que já foram batizados em Cristo – estão “mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus” (Romanos 6:11) e têm a oportunidade de “andar em novidade de vida” (Romanos 6:4).